

Fernando A. Mourão. Flora

Fernando A. Mourão Flora

Lula e o PT
da esperança ao feijão-com-arroz
&
outros escritos



Lula e o PT: da esperança ao feijão-com-arroz & outros escritos

Este ensaio é dedicado à memória de

Dna. Glórinha Mourão Sandoval, escritora

SUMÁRIO

Introdução, 4

Prefácio:

Lula, o mito, 6

Parte 1

Lula e o PT: da esperança ao feijão-com-arroz, 5

Parte 2

Outros escritos:

Um generalista no meio do povo, 14

Um generalista na frigideira, 17.

Um generalista entre a barbárie e a célula, 20

Um generalista entre dois mundos, 23

Um generalista entre intrigas, 24

Um generalista “bode expiatório” ou “cabra marcado”
para morrer, 26

O Suicídio de Ofélia, 29

Um crime brutal, 30

INTRODUÇÃO

Como foi possível a construção da mentalidade política brasileira atual? De forma mais abstrata, como as idéias e a práxis política se transmitem entre gerações?

Recorramos ao “*Aurélio*” para a definição de cultura: “o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade”.

Niklas Luhmann, autor de “*Sistemas Sociais*”, enfatiza que nenhum sistema social humano pode ser formado sem comunicação. Coube ao antropólogo F. Boas mostrar a natureza inconsciente dos fenômenos culturais lhes assimilando à linguagem. A linguagem é o meio de comunicação através de signos. A transmissão oral baseia-se na interação e na memória individual. A escrita é uma forma mais elaborada de comunicação, por reforçar a diferença constitutiva da linguagem.

O sociólogo Talcott Parsons fornece, assim, uma resposta à questão formulada: “A ação humana é cultural na medida em que os sentidos e as intenções referentes aos atos são formados através de sistemas simbólicos (...) que quase sempre se centralizam no aspecto universal das sociedades humanas, isto é, na linguagem”. Explica que os padrões dos sistemas culturais mudam em períodos longos, no intervalo entre gerações, e são compartilhados por grandes grupos. Assim sendo, “(...) os padrões culturais mais gerais dão aos sistemas de ação um terreno estrutural muito estável, bem semelhante ao manifestado pelos materiais genéticos do tipo específico, e centralizados nos elementos aprendidos da ação, assim como os genes centralizam os elementos hereditários” (*Sociedades*, cap. II). Em outras palavras, o sedimento cultural transmite-se, inconscientemente, utilizando o “código genético” social, a linguagem.

A genealogia da civilização brasileira deve ser buscada em seu passado lusitano. Por exemplo, o messianismo vem de seus sedimentos mais arcaicos (o milenarismo e o sebastianismo) e a herança do patrimonialismo estatal, sob controle do estamento burocrático, coincide com a formação do Estado português. “O súdito, a sociedade, se compreendem no âmbito de um aparelhamento a explorar, a manipular, a tosquiar nos casos extremos”. (Faoro, R. *Os Donos do Poder*). O peso desta tradição histórica bloqueia a sociedade brasileira.

A práxis política está sob influência da ideologia, que significa um “sistema de crenças ou de valores, utilizada na luta política para influir sobre o

comportamento das massas, para orientá-las numa direção e não em outra, para dirigir o consenso, para justificar o poder” (Bobbio, N. *Saggi sulla scienza politica in Itália*). A ideologia política substituiu os mitos na sociedade contemporânea. É o que ilustramos com “Lula, o mito”, verdadeiro coringa de toda a engrenagem do Estado atual.

Na 1º parte deste ensaio mostramos mais uma repetição na história do país: um simulacro de mudança para manter tudo do jeito que sempre foi.

Na 2º parte, a elaboração de uma experiência de trabalho imaterial - forma de produção de bens imateriais, tais como idéias, saber, formas de comunicação e relações- numa administração petista autoritária (ou as desventuras de um médico generalista). Estes artigos foram publicados originalmente na Revistas de Atenção Primária à Saúde e Brasileira de Medicina de Família e Comunidade.

Belo Horizonte, 14 de setembro de 2008.

Fernando A. Mourão Flora

Mestre pela Universidade de Paris I (antiga Sorbonne) e médico

PREFÁCIO

LULA, O MITO.

A corrupção, a impunidade, a violência e o desgoverno são reveladores do estado de anomia do país. Os diferentes escândalos, como o do “mensalão”, não atingiram Lula.

Por que é blindado? Como um governante despreparado como ele chegou ao poder?

A resposta pode parecer simples: porque Lula é um mito.

Ao longo deste estudo, vamos demonstrar que é favorecido por uma herança cultural arcaica, submersa no inconsciente coletivo da sociedade brasileira.

Encarna o arquétipo do herói e salvador, que existiu desde sempre. Com seu carisma e seus atos teatrais encanta e manipula as massas.

Lula enredou-se em duas narrativas míticas entrelaçadas: a revolucionária e a mística.

Como operário metalúrgico, líder sindical e do Partido dos Trabalhadores, foi investido da força simbólica sagrada do mito revolucionário. Exprime o sonho romântico e regressivo de uma idade de ouro pré-industrial qualquer, a nostalgia de uma comunidade primitiva, de uma fraternidade tribal. O herói conduzirá a nação até este “jardim da infância” humano, onde haverá abundância para todos, sob o reino do pai justo e bom. No Manifesto do Partido, lê-se: “construir uma sociedade igualitária, onde não haja explorados nem exploradores”. É o projeto de sociedade democrática e popular, o socialismo.

A revolução e a crença mística criam a esperança do reino dos pobres, “herdeiros” do reino vindouro, a Terra Prometida.

Muito mais poderoso, na sociedade brasileira, é este mito messiânico. É daí que Lula extrai toda a sua couraça sagrada. Um dos ideólogos da costura desta justaposição, - involuntária, certamente-, foi frei Betto. Tomemos, por exemplo, seu livro “Lula, biografia política de um operário”. O amálgama entre o torneiro mecânico e o Messias começa na origem humilde do primeiro. Lemos aí que “nasceu no Nordeste... numa família de lavradores confinada a uma precária economia de subsistência. Sua trajetória familiar coincide com a de inúmeros nordestinos que, expulsos da terra pelo latifúndio ou condenados à fome pela ‘indústria da seca’...viajaram treze dias num ‘pau-de-arara’ na esperança de um futuro melhor...No litoral paulista...tornou-se vendedor ambulante...foi morar com a mãe e os irmãos num apertado cômodo nos fundos de um bar, cujo único banheiro era partilhado pela família e pelos bêbados. Seu primeiro emprego, aos doze anos, foi numa tinturaria...e, aos quatorze anos ingressou numa metalúrgica...” No imaginário social, -não há fatos comprovados-, o Salvador teria nascido numa manjedoura e sido artesão, antes de se tornar o pregador carismático. Esta origem humilde destinou-os a

personificarem os salvadores dos pobres e dos oprimidos, dos fracos, dos necessitados, dos enfermos, dos excluídos, “daqueles que não têm voz”. A “classe trabalhadora” que chegou à presidência, através de seu líder máximo, representa os segmentos populares constituídos pelos “operários industriais, assalariados do comércio e dos serviços, funcionários públicos, moradores da periferia, trabalhadores autônomos, camponeses, assalariados rurais, mulheres, negros, estudantes, índios e outros setores explorados e marginalizados da sociedade brasileira (...)” O herói salvador venceu o demônio, isto é, “os donos do grande capital”.

Vamos citar outra superposição de imagens entre Lula e a vítima sagrada. No discurso que pronunciou à Nação para dar explicações sobre o “mensalão”, Lula afirmou que foi traído pelos companheiros. O célebre quadro da “Santa Ceia” imortalizou a figura do traidor Judas, com as trinta moedas...

Analisemos agora as bolsas, - programas sociais iniciados pelo famoso “Fome-Zero”-, que sustentam a população de baixa renda (os pobres), transformando-a na maior clientela do Estado (cerca de 46 milhões de pessoas). No discurso místico trata-se do sinal do maná, “o verdadeiro pão que vem do céu”(6, 32-33). O antropólogo Marcel Mauss escreveu um ensaio sobre a dádiva, em que analisa as mais antigas relações de troca nas sociedades. Um dos exemplos que cita é o “dom” (potlatch), que quer dizer, essencialmente, dádiva e alimento. Estabelece-se uma forma arcaica de contrato, em que o presente recebido é obrigatoriamente retribuído. A dádiva implica necessariamente a instalação de crédito. O potlatch é mais que uma troca: é um fenômeno religioso, mitológico e xamanístico, “pois os chefes que nele se envolvem representam, encarnam os antepassados e os deuses(...)”. O que é dado tem a obrigação de ser retribuído. Em outras palavras, a clientela cativa de Lula deve continuar retribuindo, e com juros. Não foi à toa a enorme diferença na votação da reeleição...

O cargo de presidente, no Brasil, é investido de forte carga emocional inconsciente. Na evolução histórica recente, ungiu-se de uma áurea sagrada, devido ao que Mauss estudou como sistema sacrificial. Getúlio Vargas, “o pai dos pobres”, deixou um manuscrito em que declarava “que o sangue de um inocente sirva para aplacar a ira dos fariseus”. Tancredo Neves, oriundo da mesma terra de Tiradentes, teve uma longa agonia. Remetem à figura da vítima ancestral do sacrifício primitivo, o cordeiro pascal. Estes sacrifícios mortais de presidentes forneceram os elementos de um simbolismo sobrenatural ao papel social. Lula se beneficia deste cordão consagrado na crença popular. Aos olhos do povo, chega a ser um verdadeiro sacrilégio vaiá-lo...

Um líder sindical metalúrgico, dotado de forte carisma, conduziu greves operárias no final do regime militar, tendo sido preso na época (1980). Nasceu, assim, o mito Lula, fabricado pelos teólogos da libertação, pelos intelectuais de esquerda, pelos publicitários e pela mídia.

Este mito reverberou fundo na alma nacional, na presente contingência histórica. A sociedade brasileira encena, através dele, sua natureza profundamente cristã.

Rezemos para que o final do drama não seja mais trágico do que já está sendo.

Agosto de 2007.

PARTE I

LULA E O PT: DA ESPERANÇA AO FEIJÃO-COM-ARROZ

Perry Anderson, num memorando sobre a conjuntura mundial (New Left Review 48, Novembro-Dezembro 2007)¹, escreveu que o PT foi o maior partido autêntico de massas de trabalhadores surgido desde a 2ª Guerra Mundial. Exprimiu depois o desapontamento da esquerda no mundo com o regime de Lula. Após denunciar oito anos de administração neoliberal, o partido no poder falhou em romper com as mesmas ortodoxias que fizeram das instituições financeiras as maiores beneficiárias desta política.

Vamos procurar responder a este problema desconstruindo o PT e “Lula” e a sua práxis no poder.

A construção do PT e de “Lula”: a esperança

A Proto-história

Iniciemos a reconstrução da gênese do PT com o testemunho do sociólogo José de Souza Martins, que faz pesquisa da história regional do ABC paulista há mais de 45 anos. Na sua concepção, o ABC, subúrbio de São Paulo, é o cenário de gestação e afirmação social e política da classe operária moderna no Brasil (“*O ciclo faltante: interrogando o historicamente ilógico*”, *A aparição do demônio na fábrica*, [2008] pp.181-213)². Transgredindo com as interdições ideológicas, este intelectual recupera as condições históricas do aparecimento e da ação na região do que chama partidos sociais, como o PTB de Getúlio Vargas, o PCB e o PT.

A classe operária do ABC sempre foi religiosa e sobretudo católica. O operariado era varguista, “admirando em especial o Getúlio do Estado Novo”. O pesquisador destaca, na fase de agonia do getulismo, a importância da função histórica da Igreja Católica na região. A criação da Diocese, nos anos 50, e a nomeação do seu primeiro bispo, Dom Jorge Marcos de Oliveira, são as referências iniciais. Souza Martins é incisivo: “O PT não se reconhece hoje como obra remota de Dom Jorge, embora seja.” Qualifica o Partido dos

Trabalhadores como “o nosso partido popular católico”, fruto de um trabalhismo cristianizado de base sindical.

Tristão de Ataíde era o líder do catolicismo intelectual brasileiro (Villaça A. C., *O pensamento católico no Brasil* [2006]pp.175-200)³. Sua obra foi marcada por uma tríplice perspectiva: o movimento litúrgico, o tomismo e a Ação Católica. Oponha a fidelidade aos princípios do cristianismo autêntico ao comunismo.

Dom Jorge se deparava na região com o Partido Comunista, materialista e anticlerical. Estimulou, inspirado na Doutrina Social da Igreja (caridade, ação pastoral), a participação dos jovens operários nos sindicatos e o surgimento de um partido político anticomunista. Era também influenciado pelo trabalhismo de Vargas, ideologia elitista de emancipação e ascensão social da classe trabalhadora. Vale lembrar suas características nacionalistas, populistas, paternalistas e autoritárias, além do corporativismo. Assim, o PT, em sua proto-história, tem “genes” de ideologias nem sempre convergentes.

Procuremos esmiuçar esta composição, dividindo-a em três componentes: a ação da Igreja, do sindicalismo e da intelectualidade e dos grupos de esquerda.

1. O papel da Igreja:

Começemos com uma afirmação polêmica: embora Lula e os sindicalistas sempre estivessem no foco das atenções na criação do Partido dos Trabalhadores, todas as evidências apontam para a Igreja Católica como “um fator decisivo tanto na formação como no crescimento posterior do PT” (Rodrigues, L. M. *Partidos e Sindicatos*, [1990] pp.7-33)⁴.

É impossível justificar esta tese sem abordar o verdadeiro “abalo sísmico” na tradição da Igreja Católica Romana provocada pela Teologia da Libertação, cujo desfecho foi a saída do teólogo franciscano Leonardo Boff de seu seio. Desde a Reforma Protestante não houve tão intensa contestação interna ao poder da Igreja.

Dois eventos fizeram história na instituição: o Concílio Vaticano II (1962-65) e a Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín (1968). Não se pode deixar de mencionar a importância histórica para o continente da Revolução Cubana em 1959, estimulando a luta armada e o socialismo.

Para o sociólogo Michael Löwy, autor de *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*,⁵ o resumo em uma única fórmula da ideia central da teologia da libertação seria a expressão “a opção preferencial pelos pobres”.

Os outros princípios básicos deste discurso religioso radical são: a) a luta contra a idolatria (o bezerro de ouro, o mercado); b) a libertação humana histórica como a antecipação do Reino de Deus; c) uma crítica da teologia dualista tradicional, reunificando a história divina e humana conforme a tradição bíblica; d) uma nova leitura da Bíblia, com destaque para o Êxodo, exemplo de luta de um povo escravizado por sua emancipação; e) o uso do marxismo como instrumento sócio-analítico; f) uma forte crítica do capitalismo dependente como sistema injusto e iníquo; e g) uma nova sociabilidade através do desenvolvimento das comunidades eclesiais de base (Löwy).

A Teologia da Libertação expressa valores da tradição comunitária pré-moderna (a unidade perdida do tribalismo, o messianismo), é herdeira da rejeição ética do capitalismo pela Igreja e possui um Romantismo revolucionário (Löwy), com a visão de um futuro utópico como a dos marxistas Ernst Bloch⁶ e José Carlos Mariátegui.

Esta criação de uma nova cultura religiosa mudou a sociedade brasileira com a organização de novos e grandes movimentos sociais e políticos como o Partido dos Trabalhadores, a Central Única dos Trabalhadores e o Movimento dos Sem-Terra. A liderança carismática de Lula, secundada por estes potentes organizadores sociais, chegou ao poder e provavelmente encerrará um ciclo da história da esquerda e dos trabalhadores da região do ABC.

2. O sindicalismo:

Lula, o ferramenteiro, foi o líder do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema nos anos de chumbo da Ditadura, conduzindo com sucesso as campanhas salariais e as grandes greves do movimento operário.

Ingressou como suplente na eleição de 1969 do sindicato, por indicação de seu irmão, Frei Chico, ligado ao PCB (Betto, *Frei Lula: biografia política de um operário* [1989] 80 pp.)⁷. Fez carreira dentro do aparelho sindical corporativo até se tornar político. Habitou-se, como membro nova geração de sindicalistas, a negociar com os empresários, com os quais mantinha relações menos antagônicas do que com os militares.

É importante ressaltar que a nova Constituição de 1988 “nada mais fez do que reforçar o sindicalismo corporativo, embora o tornasse mais independente dos poderes públicos” (Rodrigues, L. M. *Partidos e Sindicatos* [1990] p 14.)⁴.

O modelo sindical corporativo, implantado por Vargas nos anos trinta, revelou-se uma das instituições mais estáveis da sociedade brasileira, comenta Leôncio Rodrigues. Sobreviveu a várias mudanças de regime como o Estado Novo, o nacional-populismo e o militar. Como se explica?

Nosso autor, escrevendo sobre o sindicalismo corporativo no mesmo livro, recupera suas raízes na influência da “intelligentsia” nacional, membros da seção Brasil do grupo francês “Clarté”, constituído em 1921. Os intelectuais deste grupo interessavam-se pela proteção ao trabalho, eram hostis ao capitalismo e à economia liberal, e favoráveis a um Estado forte e centralizado. O Estado Novo só reforçou estas tendências ideológicas pré-existentes. Tudo isto concorrendo para o crescimento e domínio da burocracia estatal de 1930. Deduz o sociólogo que esta identificação entre o reforço do poder do Estado e a organização corporativa do trabalho talvez explique a longevidade do modelo.

Neste mergulho nas raízes políticas e sociais da civilização brasileira torna-se imperiosa a referência a Raymundo Faoro e sua ênfase na persistência secular da estrutura patrimonial e de seu núcleo dirigente burocrático (*Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro*)⁸.

Retomando o fio da meada, a nova geração de dirigentes dos sindicatos oficiais lança a proposta de formação do PT no XI Congresso dos Metalúrgicos de Lins (SP), em 1979.

José de Souza Martins, em artigo já citado, conclui: “De fato, o PT firmou-se predominantemente e acima de tudo como um partido sindical. No poder, dificilmente se expressará como partido de esquerda e dificilmente confirmará esse destino possível de novo sujeito político que havia em suas origens” (p.192)².

3. A intelectualidade e os grupos de esquerda:

Pode-se dizer que o traço de união entre a alta intelectualidade da sociedade brasileira e os grupos de esquerda na origem do PT é o pensamento marxista - e suas várias correntes como a leninista, a trotskista, a maoísta ou a gramsciana.

O marxismo está bem “vivo” na América Latina devido ao atraso, à dependência econômica, à pobreza, à exploração dos trabalhadores, à concentração de renda. Oferece um sistema articulado de conceitos que permite interpretar esta realidade e uma proposta radical de solução.

A maioria dos intelectuais envolvidos na criação de um partido popular era de São Paulo, ligados ao Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), Cedec (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea) e das Universidades (Unicamp, Usp e Puc). Pode-se citar, entre outros, Francisco Weffort, José Álvaro Moisés, Roque Aparecido da Silva Fábio Munhoz, Francisco Oliveira, Paul Singer e Vinicius Caldeira Brandt (Meneguello, R. *PT: a formação de um partido* [1989] p.61)⁹. A participação da intelectualidade foi significativa para o desenho do perfil partidário.

No caso das organizações de esquerda, utilizando a mesma fonte, pode-se citar a Convergência Socialista, de tendência trotskista, o Mep (Movimento de emancipação do proletariado), dissidência do PCB, o Libelu (Liberdade e Luta), organização estudantil, Ala Vermelha e PRC (Partido revolucionário comunista), dissidências do PC do B, membros da AP(Ação Popular), da Polop (Política operária), o Secretariado Unificado, tendência trotskista e membros da AP(Ação Popular). Uma parte destes militantes era egressa da luta armada dos anos 60, portanto de perfil ideológico dogmático.

Este caldo de cultura composto por marxistas e católicos, acabou decantando no acordo sobre formas legais de luta para visando a “construção de uma sociedade socialista”, presente desde a fundação do partido dos trabalhadores, em 1980, e jamais renegada.

A práxis de Lula no poder: o feijão-com-arroz

Em 1926, o pensador espanhol José Ortega y Gasset escrevia: “Há um fato que, seja para o bem ou para o mal, é o mais importante na vida pública europeia do momento. Esse fato é o advento das massas ao pleno poderio social.” (*A Rebelião das Massas*)¹⁰. Getúlio Vargas, pouco antes de sua morte, em discursos em janeiro de 1954, conclamava a classe trabalhadora para que se preparasse para a tarefa de governar.

O Brasil tinha 30 milhões de habitantes em 1920 e chegou a 177 milhões em 2002, ano da eleição do operário metalúrgico Lula para presidente da República. Quanto à incorporação do povo na política, até 1945, votavam 5% da população contra 66% em 2002. O historiador José Murilo de Carvalho exprime sua ironia: “A República, afinal, ganhou o povo que lhe faltava” (artigo na revista “Veja”, edição comemorativa dos 40 anos).

Quanto ao empenho em vencer, após a derrota nas eleições de 1998, Lula e seus assessores organizaram o Instituto da Cidadania, fora da estrutura partidária. Permitia ao Lula tornar-se mais independente do PT, materializando sua maior projeção pública comparada com a do partido (Sader, E. *Taking Lula's measure* New Left Review, 33, Maio-Junho 2005)¹¹. Chegou-se a dois temas chaves para a nova campanha eleitoral: a prioridade do social (a futura campanha “Fome Zero”/ Bolsa Família) e a retomada do crescimento.

Após a ofensiva especulativa sobre o Real em 2002, houve uma mudança na campanha de Lula com uma adesão ao capital financeiro (manifesta na “Carta aos brasileiros”) e, conseqüentemente, com o modelo neoliberal. Foram assegurados que seriam cumpridos todos os compromissos financeiros prévios. Não haveria renegociação da dívida externa, nem qualquer regulação do movimento do capital financeiro. O pagamento da dívida e a estabilidade monetária foram garantidos. Sader pontua que “a fisionomia do futuro governo Lula começava a se esboçar”.

Organizacionalmente, o eixo da campanha estava centrado no publicitário Duda Mendonça, que configuraria a imagem pasteurizada “Lulinha, Paz e Amor”, transformando em foto antiga aquela do líder sindicalista combativo do final dos anos 70 e tornando-o palatável para o eleitorado centrista e até de direita. Antonio Palocci, ex-prefeito da rica cidade de Ribeirão Preto (SP), era o “homem do candidato” responsável pelo programa econômico e José Dirceu, presidente do PT, prosseguia como o operador dos acordos políticos “realistas”. O magnata da indústria têxtil, José de Alencar, foi convidado para ser o vice da chapa.

O corte de Lula com a trajetória do PT tornou-se ainda mais evidente com o anúncio da composição da equipe de governo, após a vitória na eleição com 61% dos votos no 2º turno. A nomeação mais significativa foi a de Henrique Meirelles, antigo executivo-chefe do FleetBoston Financial Group, como presidente do Banco Central.

A metamorfose de Lula em político brasileiro da “velha estirpe” só fez crescer com o exercício do poder. Bolívar Lamounier descrevia a possibilidade da reativação de um regime presidencialista-plebiscitário, abrigado no eclético texto da Constituição de 1988 (*Partidos e Utopias: o Brasil no limiar dos anos 90*)¹². Era “a visão de uma organização institucional fortemente centrada na presidência, esta por sua vez carregada de certo sentido messiânico: de uma responsabilidade histórica no terreno do desenvolvimento e da reforma social, e, (...) detentora de uma legitimidade supostamente superior à do legislativo ou de qualquer outro poder da sociedade. Trata-se, sem dúvida, de um legado, ou precipitado histórico da era de Getúlio Vargas.”

Este presidencialismo plebiscitário, essencialmente carismático, apóia-se num mandato direto das massas. O principal programa social do governo, o

Bolsa Família, beneficia 11 milhões de titulares (sem dependentes), segundo pesquisa recente do Ibase.

Getúlio Vargas, o “pai dos pobres”, era membro da elite agrária do país. Lula é um legítimo representante das massas, o operário que virou presidente. A eleição do símbolo máximo de sindicalista propiciou uma mudança na composição social da Câmara dos Deputados, tornando-a mais popular e menos elitista (L. M. Rodrigues *Mudanças na Classe Política Brasileira* [2006] 182 pp.)¹³.

As velhas “taras” da política brasileira estão “à solta”: a demagogia, o fisiologismo, o caudilhismo, o populismo, a corrupção, o clientelismo, o paternalismo, o personalismo, etc.. Leôncio Rodrigues conclui sua pesquisa com o prognóstico que “o correto funcionamento das democracias requer uma boa classe política, o que por sua vez necessita de um eleitorado mais qualificado capaz de selecioná-la”. E acrescenta um advérbio: “precisamos urgentemente de uma boa classe política.”

Conclusão:

Um tema recorrente no pensamento latino-americano é o contraponto civilização e barbárie desde que o argentino Sarmiento o cunhou, em 1845 (*Facundo: civilização e barbárie*)¹⁴.

Barbárie é anomia (na prática, ausência de “nomoi”, de leis) ou impunidade, violência, desigualdade, servidão, pobreza, analfabetismo. Civilização é a modernidade, no rumo do ideal da sociedade “bem-ordenada”, segundo a teoria do filósofo político americano John Rawls (*Justiça como equidade: uma reformulação*)¹⁵.

Na perspectiva evolutiva do sociólogo Talcott Parsons, um país com estigmas de barbárie acentuados, ainda patrimonialista, estaria num patamar de modernidade anômala (*Sociedades; perspectivas evolutivas e comparativas*)¹⁶.

O que este ensaio procurou demonstrar é que Lula e o PT tinham como projeto o poder. A ideologia alavancou-os e lhes permite se perpetuar no poder. Dão continuidade à hipertrofia do Estado, aparelho de dominação que finca suas origens no Absolutismo português. A sociedade civil está cada vez mais sugada por uma carga de impostos que prejudica seu dinamismo. O estamento burocrático continua onde sempre esteve agora camuflado atrás de um mito. A barbárie, por outro lado, esprai-se...

Neste ensaio contamos uma história do despertar de um sonho. Era (mais) uma vez, uma esperança que virou feijão-com-arroz...

Notas

1. Perry Anderson, Jottings on the Conjuncture, *New Left Review*, 48, November-December 2007.
2. José de Souza Martins, A aparição do demônio na fábrica: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário, São Paulo: ed. 34, 2008, pp.181-213.
3. Antonio Carlos Villaça, O pensamento católico no Brasil, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 175-200.
4. Leôncio Martins Rodrigues, Partidos e Sindicatos: escritos de sociologia política, São Paulo: Ed. Ática S. A., 1990, 152p..
5. Michael Löwy, A guerra dos deuses: religião e política na América Latina, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000 272p..
6. Suzana Albornoz, Ética e utopia: ensaio sobre Ernst Bloch, Porto Alegre: Movimento, 2006, 180p..
7. Frei Betto, Lula: biografia política de um operário, São Paulo: Estação Liberdade, 1989, 80p..
8. Raymundo Faoro, Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro, São Paulo: Globo, 2001, pp. 819-838..
9. Rachel Meneguello, PT: a formação de um partido, 1979-1982, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, pp. 61-63.
10. José Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.41.
11. Emir Sader, Taking Lula's measure, *New Left Review*, 33, May-June 2005.
12. Bolívar Lamounier, Partidos e utopias: o Brasil no limiar dos anos 90, São Paulo: Edições Loyola, 1989, p.119.
13. Leôncio Martins Rodrigues, Mudanças na Classe Política Brasileira, São Paulo: PubliFolha, 2006, pp. 165-175.
14. Domingo F. Sarmiento, Facundo: civilização e barbárie, Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, pp.19-59.
15. John Rawls, Justiça como equidade: uma reformulação, São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp11-12.
16. Talcott Parsons, Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas, São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969, p.48.

PARTE 2
OUTROS ESCRITOS

UM GENERALISTA NO MEIO DO POVO

O ator social generalista é um profissional formatado nas normas e valores da medicina liberal, exercendo sua função no campo social da medicina socializada.

Seus interlocutores, – os clientes -, pertencem ao povo. Como se formou este coletivo nas Minas Gerais? A pesquisadora Sousa(1999) mostrou, em sua obra sobre a História de Minas no século XVIII, que são descendentes de escravos negros e índios e de homens livres pobres. Estes vinham de Portugal e de outras regiões da Colônia em busca do “El Dorado”. A promiscuidade era um componente importante da vida destas populações. O grupo dos homens livres pobres “apresentava incidência maciça de concubinatos”. Moravam em casas pobres e mal construídas, “em que várias pessoas de sexos diferentes viviam em poucos cômodos e, freqüentemente, em um único cômodo”. A condição da mulher caracterizava-se pela instabilidade. Muitas vezes eram abandonadas pelos parceiros e tinham que arcar com a sua subsistência e com a dos filhos. Na vida cotidiana das populações pobres, as tavernas eram os locais “onde escravos, forros, homens pobres, as famigeradas negras de tabuleiros (comércio ambulante), se encontravam para beber, dançar o batuque, jogar cartas, namorar e brigar”(SOUSA, 1999, p.24).

Pelas descrições precedentes, identificamos as barreiras na comunicação entre atores sociais – o generalista e o povo-, tão díspares em suas naturezas.

Vamos ilustrar esta dificuldade com um fragmento de consulta. A sra. C., paciente de 83 anos, vem à consulta porque está com tontura. A aferição de sua pressão arterial mostra que está aumentada. É hipertensa há anos e está tomando seus medicamentos regularmente. Onde está o furo? Quase no final da consulta, comenta que “está salgando muito a sua comida...”

É o óbvio que nos confronta com uma das mais sérias falhas do SUS: a educação em saúde capenga.

Decidimos implementar uma ação de saúde grupal com o objetivo de melhorar esta situação. Pareceu-nos importante escolher uma estratégia pedagógica que desse resultados. Freire veio em nosso auxílio (1982). É o que denomina concepção problematizadora da educação: “o que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação.” (FREIRE, 1982, p.101).

Através do diálogo informal, da visita ao domicílio, o(s) entrevistador(es), -generalista e equipe do PSF-, coloca(m)-se no “lugar do pobre”. Escreve Boff: “Assumir o lugar dele implica um esforço de ver a realidade a partir de sua ótica. O lugar do pobre nos obriga a priorizar as questões a serem enfrentadas: primeiro a vida, depois os meios da vida como o trabalho, a saúde, a moradia e a educação; a grande luta dos homens se trava por um pouco de pão conquistado pelo trabalho, vivendo em cima de um chão próprio, debaixo de um modesto telhado e com um mínimo de participação social conseguida mediante a educação.” (BOFF, 1984, p.9). Seguramente a prática de educação em saúde neste modelo exorciza o ultrapassado estilo “cuspe e giz”.

Passemos agora ao Programa Saúde da Família, implantado no Brasil na década de noventa. Consiste, na prática, num atendimento individual de membros da mesma família. A dinâmica do grupo familiar não é levada em conta.

Começamos por procurar os traços da história da família em Minas. “O Avesso da Memória”, de Figueiredo (1993), recupera que o concubinato foi norma, e não exceção. As razões eram várias: o custo do casamento com certidão (“de papel passado”), a indissolubilidade do laço conjugal - em choque com a sociedade fluída e movediça de então-, o preconceito ante as uniões com negras e índias. Nesta conjuntura, o autor detectou grupos familiares, com uma rica diversidade, que tendia aos domicílios matrifocais, isto é, controlados por mulheres abandonadas por seus maridos. O concubinato com negros e

mestiços, as uniões desregradas foram dando as cores negra e parda da população das Minas, no século XVIII.

Vamos exemplificar, com um caso clínico dramático, a influência de um concubinato na dinâmica de um grupo familiar.

A sra. M. tinha 28 anos quando começou a ser atendida na Unidade de Saúde. Era casada, mãe de menina já com cinco anos, o marido era mecânico. Aos 35 anos, submeteu-se a histerectomia subtotal (mioma uterino) e aos 37, apresentava hipertensão arterial(mas continuava tabagista...). Aos 40 anos, ficou deprimida e começou sua dependência de diazepínicos(a mesma coisa sucedeu com o seu marido). Nove anos depois, teve uma crise aguda e foi atendida na emergência do Hospital das Clínicas, num quadro com risco de acidente vascular cerebral. Este episódio coincide com os seus problemas com a filha, que havia abandonado o marido e passou a viver em concubinato com outro. Este conflito entre a paciente e o “genro” – união que nunca aceitou-, é central na evolução de seu estado de saúde. As coisas só se agravaram depois. Acabou por se submeter, posteriormente, a uma cirurgia de coluna por hérnia de disco, com sérias complicações (ficou 30 dias na UTI). O agravamento de suas condições de saúde desembocou numa insuficiência renal crônica e a colocaram como candidata a uma possível diálise renal. Em nenhum momento da história de suas doenças foi abordada a dinâmica familiar e o seu profundo impacto sobre a sua saúde.

Já passou da hora de passarmos a lidar com as dinâmicas dos grupos familiares, ou então o programa “saúde da família” limitar-se-á a ser mero simulacro.

Referências Bibliográficas

1. BOFF, L. Do lugar do pobre. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 2º ed., 1984, 151p.
2. FIGUEIREDO, L. O Avesso da Memória-cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
3. FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 11º edição, 1982, 220p.
4. SOUZA, L. Norma e conflito: aspectos da história de Minas do século XVIII. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, 231p.

UM GENERALISTA NA FRIGIDEIRA

Tudo começou por uma crise: insatisfação dos clientes/equipe do PSF. Foi a hora de fazer uma avaliação de nossa prática e procurar novas maneiras de lidar com os problemas.

Fomos ajudados pela sorte. O psicanalista Célio Garcia veio nos fazer uma palestra sobre o PSF e sugeriu o acolhimento em grupo. Começamos a agir desta maneira, com bons resultados. Tínhamos consciência que os usuários do Centro de Saúde mudavam de comportamento quando entravam em contato conosco, funcionários da organização municipal de saúde. O prof. Célio havia constatado, em suas entrevistas, que os agentes de saúde usaram a expressão “mistura de social e psicológico”, referindo-se aos problemas dos moradores da área de abrangência do Centro de Saúde. Quando chegavam ao acolhimento na modalidade individual, a demanda apresentava-se sobre forma de “doença”, anulando todo o contexto de emergência do problema de saúde. Sabe-se que a comunidade e a família são baseados no sangue(ou parentesco), o bairro(portanto a vizinhança e a amizade) e a cultura. A organização marca uma ruptura fundamental, implicando em divisões internas, especialmente referentes a regras e a hierarquias (LÉVY,2001). Através do “acolhimento em grupo” procura-se trazer para dentro do Centro de Saúde a dinâmica do grupo comunitário e permitir a emergência da demanda como um problema complexo(MORIN,2007).

Como generalista alterei minha agenda, de forma a ficar respondendo à demanda da enfermeira, responsável pelo acolhimento grupal. Ela é responsável por identificar os casos agudos de doença, as referências a especialistas, os pedidos de exames complementares, etc. Os casos crônicos e as visitas a domicílio são agendados para outros horários.

O generalista deve tentar lidar com a demanda do paciente como um fato muito complexo, em que tudo se mistura. É um fenômeno social “total”, em que se exprimem, além do biológico, “de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais -estas sendo políticas e familiares ao

mesmo tempo-; econômicas –estas supondo formas particulares da produção e do consumo(...)”(MAUSS,2003, p.187).

A anamnese clássica não dá conta deste desafio: o médico obterá respostas às suas perguntas, mas nada mais (BALINT,1996). Minha solução para este quebra-cabeças foi iniciar o encontro médico-paciente (a consulta) através do método clínico centrado no paciente(McWHINNEY, 1995). Neste momento de entrevista não-diretiva, deve-se ter em mente que a comunicação por gestos é mais primitiva que a verbal. A empatia pode ser desenvolvida para perceber a linguagem corporal do outro. Em seguida, retomo a anamnese sistematizada e o exame físico.

Gostaria agora de discutir um caso difícil e de aprender com a experiência. Trata-se de uma senhorita,que já passou dos cinquenta, trabalhando como faxineira (sra. L.). Pela enésima vez que veio me consultar, apresentou a demanda de prescrição de calmante, conforme havia sido a orientação do psiquiatra. Tive uma reação disfuncional: fiquei zangado com a paciente(BECK,2005). A compreensão de minha emoção levou-me à contradição a que está submetido o médico entre as representações e normas da medicina liberal e as exigências do serviço público. A livre escolha liberal é mútua: e o profissional e o cliente se escolhem ou rompem sua relação. No serviço público ambos estão constrangidos a interagir, por força das normas. Descobri, então, que a estratégia da sra. L. era obrigar-me a fazer sua receita de calmante e isto me irritava. O outro componente de minha frustração era a sensação de que minha demanda à equipe de saúde mental não foi respondida satisfatoriamente. Com efeito, esta paciente já tinha vindo outras vezes em minha consulta com a demanda de ser aposentada por invalidez, embora não apresentasse nenhuma patologia que justificasse tal reivindicação. Compreendi, então, que apresentava um problema que era uma “mistura de social e psicológico” e a persuadi a consultar com a equipe de saúde mental. Era o momento do trabalho interdisciplinar. Qual não foi minha surpresa ao constatar que a paciente voltou com uma “camisola química”(como se diz no jargão médico) e sem avançar um milímetro no fenômeno social total.

Como resolver este impasse? A resposta chama-se negociação. É preciso procurar resolver este problema através do diálogo entre a equipe do

PSF e a de saúde mental, centrado nos interesses das partes e abrindo várias alternativas de solução (BLEJMAR; RUIZ, 1999).

Através deste escrito, procurei compartilhar com os leitores meu esquema atual de trabalho. Espero que tenha sido útil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) BALINT, M. Le médecin, son malade et la maladie. Paris: Bibliothèque scientifique Payot, 1996, 424 p.
- 2) BECK, J. Terapia cognitiva para desafios clínicos. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2005, cap.6.
- 3) BLEJMAR, B. e RUIZ, C. Negocación y Procesamiento de Acuerdo. Projeto município, 1999, modulo 6.
- 4) LÉVY, A. Ciências clínicas e organizações sociais, sentido e crise do sentido. Belo Horizonte: Autêntica/Fumec, 2001, 224 p..
- 5) MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.187.
- 6) MORIN, E. Pensar, Criar, Viver. São Paulo: Cult-Revista Brasileira de Cultura Editora Bregantini, nº111, Março 2007, p.09-15.
- 7) McWHINNEY, I. A Texbook of Family Medicine. New York: Oxford University Press, 2º ed., 1995, cap.8.

Belo Horizonte, Julho de 2007.

UM GENERALISTA ENTRE A BARBÁRIE E A CÉLULA

Desde minha dissertação em saúde da família, meu foco de interesse tem sido a comunicação e a dinâmica de grupo na prática da equipe (1). O lugar do generalista, num microcosmo como um pequeno centro de saúde margeando uma favela, faculta uma percepção privilegiada das contradições em jogo no social. Toda crise revela o vetor principal do campo de forças atuantes, num dado momento.

Relatemos um conflito (aparentemente) simples. Uma cliente jovem, no início de uma primeira consulta, queixa-se de sofrer de uma dor abdominal crônica. Em seu relato, conta que já foi diagnosticada uma úlcera gastroduodenal. O médico lhe pede se pode buscar em casa (mora perto), o exame que teria feito num hospital. Para sua grande surpresa, o pedido irrita a usuária que o agride verbalmente e rompe a relação social. Logo depois, o generalista reporta o fato à parceira da equipe, que o denigre em reunião de trabalho, ampliada com a gerente.

Façamos uma “sócio-psicanálise institucional”, técnica criada por Gérard Mendel (2) destes eventos sequenciais. Esclarecemos que este método tem o grande mérito de articular o fato social, o fato psíquico individual e a organização (ou a instituição).

Procuremos descrever, sucintamente, o contexto onde se desenrolaram estes fatos. O ator social generalista é novato no cenário. A equipe do PSF tem uma história de grupo de sete anos, com a saída recente do médico que lá estava desde o início. A gerente é a chefe do centro de saúde há 9 anos. A favela é o “habitat” dos excluídos do sistema (desempregados, aposentados, trabalhadores do mercado informal, etc.).

A jovem cliente é negra, tem 20 anos, está desempregada e pertence a uma família com membros delinquentes. Pode-se dizer que sua conduta espelhou o modelo internalizado de uma subcultura delinvente (3). Uma vez que está fracassando em sua integração na sociedade, sua saída consiste em aderir a um sistema de crenças e valores reativo à cultura dominante. Desempregada, apesar de ter ensino médio, é um barril de pólvora prestes a explodir com a menor fagulha (frustração mínima). Um médico, de cor branca, fornece o pretexto ideal: a raça dominante responsável pelas suas agruras. É óbvio que o ensino médio não a educou, restringindo-se a lhe proporcionar um diploma, - sabe-se lá de que qualidade...

O centro de saúde é uma organização do aparelho de estado. Significa modernização, no sentido de um mínimo de regras burocráticas, para uma população que vive numa situação de anomia. Uma sub-classe social a quem foi barrado o acesso à cultura, à informação, à educação. A moça dá uma demonstração explícita da barbárie em que vive. Não se trata de julgamento de valor. Trata-se do triste retrato de nossa realidade.

Em contraste, a equipe de PSF é o último rebento da reestruturação produtiva do sistema capitalista, denominada funcionamento em célula ou toyotista (4). Inscreve-se, nesta modalidade de trabalho, o ardil do autocontrole pelos próprios assalariados e o risco de um de seus membros tornar-se o “capataz” dos outros. Assim, as tradicionais díades opostas - médico/enfermeira, masculino/feminino, burguês/proletário-são ativadas e encontra-se uma forma de inversão nestas equações, de desforra no imaginário. A competição camufla a sede de poder.

É uma situação repleta de riscos para o generalista recém-chegado. Sabe-se que a atitude do grupo (a coletividade dos usuários e dos profissionais) é que constrói o consenso social em torno do poder curativo do médico. É no registro do imaginário que sua imagem se consolida, mais que em seus sucessos e fracassos terapêuticos na prática (5).

Aprofundemos a inserção deste recorte no todo da sociedade. Na esfera macro-social está em curso uma política compensatória de caráter sócio-democrático. O PSF é um dos “pontas-de-lança” desta opção política. Significa, concretamente, que as equipes estão no “olho do furacão” das contradições sociais e, portanto, sob tensão (estresse) constante. Senão, vejamos: o morro é território de moradia da camada mais pobre da cidade. Ela possui estratégias de sobrevivência legais e ilegais (tráfico). Como seu nível de instrução é baixo ou nulo (analfabetismo), seus empregos formais são de “braçais”, domésticas, porteiros, etc. É alto o nível de desemprego (“exército industrial de reserva”); muitas famílias vivem da aposentadoria do ancião ou do inválido. Outras partem para ocupações informais, do tipo venda de produtos artesanais, costura, marmita, confeitos, etc. O tráfico, como “corrida ao ouro”, vai de par com a violência e com todo o cortejo da grave deterioração comunitária que implica.

Em cunha, no alto do morro, a pequena organização do estado oferece atenção primária para uma população que acumula doenças da exploração econômica e da pobreza. Este encontro é necessariamente atravessado por tensão e conflitos constantes. E há pouca perspectiva a curto (e a longo prazo?) de melhoria desta situação, uma vez que está ligada ao desenvolvimento de um país com uma estrutura social das mais iníquas do planeta (concentração de renda) e que ocupa um lugar satélite(dependência) na ordem do sistema capitalista mundial (6).

Tomar consciência do lugar e do ambiente pode contribuir para nossa adaptação e para as estratégias de ação. O pessimismo teórico não deve nos impedir de agir com otimismo...

REFERÊNCIAS

(1) Flora, F. A. M. Um generalista na frigideira. Revista de Atenção Primária à Saúde.

V.10 Nº 2 JUL/DEZ 2007, p. 221-2.

“ Um generalista no meio do povo. Revista de Atenção Primária à Saúde.

V.10 Nº2 JUL/DEZ 2007, p. 223-4.

(2) Mendel, G. La Sociopsychanalyse Institutionnelle in: _____
L'intervention institutionnelle. Paris: petite bibliothèque payot, 1980, p.234-302.

(3) Escobar, A. S. Sociedade e Violência.
in _____ Violência e Vitimização: a face sombria do
cotidiano. Leal C. B. e Piedade J^o. H. orgs. Belo Horizonte: Del Rey, 2001, p.19-
34.

(4) Mello e Silva, L. Trabalho e reestruturação produtiva: o desmanche da
classe. In _____ A Era da Indeterminação. Oliveira, F. e Rizek C. S.
orgs. São Paulo: Boitempo, 2007, p.71-100.

(5) Lévi-Strauss, C. Anthropologie structurale. Paris: Plon, 1974, p.183-203.

(6) Fernandes, F. Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento. Rio de
Janeiro: Zahar Editores. 2^o ed. 1972, 268 ps.

UM GENERALISTA ENTRE DOIS MUNDOS

Todo o coletivo do Centro de Saúde ficou estressado com a ameaça de morte de um usuário endereçada a uma enfermeira. Vejamos a seqüência dos fatos.

O paciente, senhor D, é um adulto de meia idade, empregado formalmente, em pequena empresa, como operário qualificado e conhecido por ser problemático como usuário. No episódio em questão, teria ido de manhã ao serviço de urgência oftalmológico, devido a “dores nos olhos”. No acolhimento, seus sintomas não foram considerados agudos e foi referenciado para o Centro de Saúde para marcação de consulta especializada de rotina. No final do dia compareceu ao Centro de Saúde com a demanda de um atestado de saúde para o dia. Quando isto lhe foi negado, o sr. D se enfureceu, disse que ia quebrar a Unidade e, lendo o cartaz que avisava sobre desacato a funcionário público, afirmou que, se a polícia fosse chamada, poderia até ser preso, mas “quando solto iria matar um” e personalizou citando o nome de uma enfermeira -a quem até havia elogiado anteriormente. Um ato de fala deve ser tomado ao pé da letra, donde a gravidade da crise instalada na unidade de atenção primária à saúde.

Este Centro de Saúde tem uma localização privilegiada no que concerne à sua acessibilidade. Acha-se encravado na margem de uma “vila”, eufemismo para favela. Atende majoritariamente a uma população pobre e, simultaneamente, a uma clientela de melhor nível sócio-econômico. Esta periferia é habitada, como de praxe, pelos excluídos do mercado de trabalho e dos descendentes dos escravos da antiga sociedade agrária. A população está sob tensão entre dois mundos sociais: de um lado uma cultura híbrida (tradicional/moderna) (1) e de outro, a da “cidade ilegal” (dos negócios ilícitos) (2). No primeiro caso, praticam-se os padrões de sociabilidade e as regras de reciprocidade habituais, mas no segundo, trata-se de conhecer os códigos do crime, a lei da natureza, as regras do jogo paralelo. Muitas vezes, o mesmo ator social pode transitar nos dois mundos: é um bom cidadão, pai de família, tem emprego, joga futebol, vai aos cultos e também freqüenta o mundo das sombras do tráfico de drogas.

Este parece ter sido o caso no episódio que estamos analisando. O Sr. D trouxe para o Centro de Saúde, que funciona numa cultura “oficial”, um comportamento típico do mundo “bandido”. O que vale é a violência, a intimidação, a ameaça, a eliminação do outro. Daí o traumatismo causado no imaginário institucional por esta confusão de contextos.

A crise foi contornada através de uma conversa ao “pé do ouvido” entre o desviante e um funcionário do Centro de Saúde que também mora na vila e o conhecia de longa data.

Restabeleceu-se o precário equilíbrio entre o dispositivo estatal e a comunidade pauperizada.

Bibliografia:

- 1) Fernandes, F. “O negro no mundo dos brancos”, 2ªed. Revista, S. Paulo: Global, 2007.
- 2) Oliveira, F. Rizek, C. S., org. “A era da indeterminação”, São Paulo: Boitempo, 2007.

UM GENERALISTA ENTRE INTRIGAS

“A força mais destrutiva do universo é a fofoca”

Luís Fernando Veríssimo

O sistema de saúde público constitui um segmento socialista numa sociedade de capitalismo tardio periférico, o Brasil. O médico, um profissional liberal de classe média no capitalismo pré-monopolista, incorporou-se à classe trabalhadora na medicina socializada. Uma vez estabelecido este contexto geral, gostaríamos de apresentar um estudo de caso de dinâmica de grupo (CARTWRIGHT & ZANDER 1967) na percepção do protagonista.

Começemos por analisar a relação do generalista com o grande Grupo, composto por aproximadamente duas mil e duzentas famílias da área de abrangência da equipe de saúde da família.

Em nossa prática como generalista, surpreende-nos a “medicalização” de problemas de saúde de caráter sócio-psicológico. Ao invés da compreensão, da escuta pela equipe das dificuldades dos clientes, opta-se pela receita de diazepínicos. Com isto, fabricam-se toxicômanos menores, uma vez que ocorre uma prescrição indiscriminada de tranqüilizantes e hipnóticos (distribuídos como a fluoretação da água...). É um procedimento tão rotineiro de controle social que podem faltar outros medicamentos, mas nunca os calmantes!

O generalista procurou desestimular este hábito patológico. Era preciso romper com a passividade e que os indivíduos se assumissem como agentes de ação política. A idéia era que através do apoio mútuo, da solidariedade comunitária, as pessoas parassem de fugir da realidade pela adição. Foi aí que deparou com uma enorme resistência à mudança e pôde sentir toda a força de uma mulher do povo, com liderança negativa. Com efeito, a sra. J., sentindo-se frustrada com a possibilidade de ter que abandonar suas “pílulas azuis mágicas”, agrediu-o verbalmente numa reunião da ESF com a comunidade.

Lévi-Strauss (1958 e 1974) ensina-nos, estudando tribos primitivas, que é na atitude do coletivo que se desenha a imagem do grande curandeiro, muito mais do que no ritmo dos seus sucessos ou fracassos. A questão fundamental está, portanto, na relação do curandeiro com o Grupo. Quando não atende a determinadas exigências do coletivo, está em risco de perder o consenso social em torno de si.

A sra. J. era moradora da parte mais pobre da comunidade e, conseqüentemente, a mais ressentida com suas condições de vida. O filósofo Nietzsche (1985) descreveu a psicologia do ressentimento: “eu sofro, alguém tem a culpa”. A vingança, sob forma de intrigas, é “o supremo alívio, o narcótico a todos os que sofrem”. Ela conseguiu deformar a imagem do generalista em sua vizinhança.

Seu poder de contaminação chegou até a enfermagem. Trata-se agora de examinar a dinâmica do pequeno grupo, o da equipe da saúde da família. Parece-nos que a cultura dos profissionais da saúde pode ser rotulada de autoritária (embora dissimulada) e de paternalista. No meu entender, as auxiliares de enfermagem e as agentes comunitárias de saúde identificam-se

mais com os pacientes, por pertencerem à mesma classe social. Na situação concreta, houve uma aliança informal entre uma parte da equipe e o grupo de pacientes insatisfeitos com a demanda de diazepínicos não atendida.

A vocalização do ressentimento encontrou na competição dentro da equipe do PSF o combustível que necessitava.

Referências bibliográficas

1) Cartwright, D. e Zander, A. “Dinâmica de Grupo: Pesquisa e Teoria”; São Paulo: Editora Herder, 1967, 1033 págs.

2) Lévi-Strauss, C. “Le sorcier et sa magie” in “Anthropologie structurale”; França: Librairie Plon, 1958 e 1974, pág.183-204.

3) Nietzsche, F. W, “A Genealogia da Moral”; São Paulo: Editora Moraes, 1985, 113 págs.

BH, Novembro de 2007.

UM GENERALISTA “BODE EXPIATÓRIO” OU “CABRA MARCADO PARA MORRER”

Poeminha do contra,
de Mário Quintana

“Estes que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão,
Eu passarinho.”

Não há dúvida: a capilaridade do poder desce até o nível gerencial do sistema local de saúde. Aí, situa-se a demarcação entre os que deliberam e os que executam. O antropólogo Lévi-Strauss refere-se às sociedades hierarquizadas como sendo as “que se encontram compostas de mestres e de escravos, sociedades utilizando uma parte de sua população para trabalhar em benefício da outra parte.” (1)

Administrar uma unidade básica de saúde não é uma tarefa fácil. A camada social mais baixa da sociedade, pobre, excluída, aflui sôfrega com demandas inexauríveis. A organização vive o dia-a-dia na tensão entre dois pólos: a autoridade constituída e a multidão despossuída. Cabe à gerência regular a demanda em função dos recursos limitados existentes.

Pode acontecer que não dê cabo do recado, como no caso em questão. Instala-se a desorganização na instituição e paralelamente a perda de legitimidade no curso do tempo. Hora de partir.

Entre a dolorosa tomada de consciência de haver falhado em sua missão e a procura de um “bode expiatório” optou pela solução de má-fé. O amor-próprio obscurece a realidade e guia a escolha.

Deparamo-nos, então, com o que René Girard denominou de “coisa escondida desde a fundação do mundo”, a montagem da perseguição.(2) Sabe-se que quanto mais uma comunidade vivencia um estado de anomia e mais multiplicam-se os relacionamentos agressivos. Caracteriza-se a imperiosa necessidade de dar vazão a esta perigosa energia negativa que envenena o clima institucional. É preciso encontrar um culpado por tal estado nefasto e puni-lo com rigor. A engrenagem da perseguição no inconsciente coletivo já se colocou em marcha. Nada pode detê-la, aliviá-la, a não ser a nomeação do(s) criminoso(s). Onde está o “cabra marcado para morrer”?

O gerente está no lugar da chefia formal do grupo. É o protagonista responsável por indicar o culpado e se eximir de qualquer responsabilidade pelo fracasso gerencial. É na memória, nos arquivos da organização, que será selecionado e apontado o agente da subversão da ordem. Estas informações constam na pasta funcional (ou ficha corrida?). O figurino é preenchido sob medida por alguém que já foi acusado de um delito no passado. Ainda mais se foi flagrado anteriormente no crime de lesa-majestade, isto é, desobediência

civil. Este é um crime de violência porque abala o fundamento da ordem social, a diferença hierárquica. Foi montado um “dossiê,” com falsas acusações, de forma a materializar a culpa. Enredado nesta teia de mentiras, o “bode expiatório” ousou reagir, espernear. Só fez agravar sua condenação.

Pronto! Pode-se aplacar o desejo de violência fora de controle, oferecendo, em holocausto, um “bode expiatório” aos “hierarcas” mais poderosos. Purgar a coletividade da erva daninha é só uma questão de tempo.

Na imagem de Platão, “o capitão do navio, um pouco surdo, um pouco míope, e tendo em matéria da navegação, conhecimentos tão curtos quanto sua vista,” (3) poderá até ser promovido após a construção deste simulacro.

Leviatã se encarregará, com sua pesada espada, de punir o desviante.

Referências bibliográficas

- (1) Charbonnier, G. Entretiens avec Lévi-Strauss. Paris: Éditions Plon, 1961, 188 p.
- (2) Girard, R. Le Bouc Émissaire. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 1982, 316 p.
- (3) Platon. La République. Paris: Garnier-Flammarion, 1966, 510 p.

Belo Horizonte, 20 de julho de 2008.

O SUICÍDIO DE OFÉLIA

A trágica história que vamos contar é real, embora Ofélia seja um pseudônimo. Não foi escolhido por acaso: guarda semelhança com a célebre personagem de Shakespeare.

Iniciemos com uma interpretação livre da relação amorosa entre Hamlet e Ofélia. Hamlet, o príncipe da Dinamarca, está envolvido com Ofélia, filha de Polônio, lorde camareiro do Reino. Ofélia revela ao pai que o príncipe tem confessado sua afeição por ela. Ele a proíbe de conversar com Hamlet, por julgar que está sendo seduzida apenas para sua distração. Hamlet, ressentido com a recusa de seu amor, percebe o ciúmes do pai e acaba matando-o em circunstância obscura. A linda Ofélia enlouquece com o delito horrendo e destrói a própria vida.

Nossa Ofélia não era nobre. Era uma bela mestiça, de uma família plebéia, cujo pai (alcoólatra) a abandonou precocemente, junto com sua mãe e seus três irmãos. Esta moça de origem humilde conseguiu ascender socialmente e tornou-se assistente social. Arranjou emprego no sistema público de saúde e de cargo em cargo, chegou a gerente da Unidade de Pronto-Atendimento. Foi também quando atingiu uma função além de sua competência. Na mesma época o pai se suicidou.

Em sua vida amorosa, cruzou com dois “Hamlet”: pessoas de condição sócio-econômica superior e que a abandonaram. Na última rejeição amorosa, entrou em colapso. Primeiro recorreu ao “Santo Daime” (droga alucinógena), em busca do elixir milagroso, depois enlouqueceu, e finalmente se enforcou, no auge da beleza feminina.

A chave para penetrar no segredo de nossa Ofélia é dada por outra personagem literária famosa, a lindíssima rainha Dido, de Virgílio (Eneida). Dido tinha sofrido uma primeira desilusão amorosa com a morte do marido. Apesar desta ferida secreta, apaixonou-se perdidamente por Enéias, rei de Tróia, seu hóspede. Este decidiu romper o romance e seguir seu destino. Dido se sentiu traída e abandonada e, além da dor insuportável, foi arrebatada pelo ressentimento e pela fúria.

Chantagiou o amante com a ameaça de sua morte. Não conseguiu dissuadi-lo e diante de sua desventura, seu abandono, atemorizada pelo destino, decidiu acabar com a própria vida. Seu coração era açoitado pela dor, pela paixão indômita e pela imensa ira. Em sua agonia, amaldiçoou-o desejando que a culpa provocasse sua destruição.

Ofélia: amores profanados, mulher enfurecida.

UM CRIME BRUTAL

Há um defeito congênito na história do Brasil que nunca foi superado: a escravidão. No momento em que parte da Europa dava os primeiros passos para a modernidade (Galileu, Descartes, Newton), a colônia portuguesa regredia a um regime social que tinha existido na Antiguidade! Nunca o país conseguiu superar os profundos desequilíbrios sociais originários de sua fundação escravocrata, com uma absurda concentração de renda e uma maioria de despossuídos. A violência é estrutural nesta sociedade.

Pode-se fazer um paralelismo com o período de turbulência da Revolução Inglesa de 1640, que culminou com a execução do rei Carlos I. O filósofo Hobbes cunhou a expressão “estado de natureza” para descrever o ambiente humano fora da sociedade civil, àquela regulada pela convenção social, pela supremacia da lei (“rule of law”). É o estado de guerra de todos entre - si, como elaborou no Leviatã. Com efeito, se a natureza fez os homens iguais, numa situação de escassez podem causar um ao outro o maior dos males, a morte. Se não existe lei, todo homem tem o direito de se apropriar de tudo o que cai em seu poder. A auto-conservação, a sobrevivência, está constantemente ameaçada. Em suas palavras: “... não há sociedade; e o que é pior de tudo, um constante temor e perigo de morte violenta. E a vida do homem é solitária, miserável, cruel (nasty), embrutecida e curta” (capítulo XIII).

É preciso lembrar aqui a alta mortalidade de adultos jovens no Brasil de hoje relacionada com o tráfico de drogas? É a busca pelo enriquecimento rápido, pelo atalho fora do mercado de trabalho, o acesso ao consumo dos ricos.

Detenhamo-nos na análise de um crime real pelo seu caráter exemplar. Vamos contar esta trágica história ocorrida em 2000 e aprender com esta experiência o atraso que distancia este país de uma sociedade efetivamente regulada por uma concepção pública de justiça (Rawls).

Neste episódio há o encontro fatídico entre atores sociais dos dois segmentos sociais descritos acima: representantes de “possuidores de bens” e da classe dependente urbana (desempregados jovens), na classificação do sociólogo Florestan Fernandes. A engrenagem descrita por Hobbes pôs-se em movimento: numa rua deserta da megápolis brasileira, o profissional liberal passa com seu “pick-up” novo e um “laptop” no acento do passageiro. É abordado e rendido a mão armada por dois sociopatas jovens, que desejam o que tem e que se apropriam sem cerimônia. Passo seguinte executam impiedosamente o “grã-fino” e fogem com o espólio. Utilizam os cheques surrupiados para encher o tanque de combustível, se fartar numa lanchonete e comprar tênis de última geração! Estas evidências levam a polícia a seu encaixe. São fugitivos desde então.

Numa das mais dramáticas cenas jamais vividas, o cadáver deste homem de cinquenta anos, cirurgião bem-sucedido, com duas filhas, é entregue ao pai octogenário e afásico e à mãe idosa e do lar.

Através deste símbolo, que evoca a Pietá, ilustramos a falência do ideal cristão que foi uma das bases desta sociedade escravocrata de outrora.